

A GRUPOTERAPIA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR

Karina Perez Mokarzel Carneiro¹

Resumo — *A proposta deste trabalho é analisar a ação preventiva das grupoterapias com professores de ensino superior e de pós-graduação. Durante muitos séculos, o ensino baseou-se num paradigma: o professor é detentor dos conhecimentos e os transmite a um grupo de estudantes, que depois devolvem o que aprenderam por intermédio de provas. O estudante é assim considerado, não sendo observadas as diferenças existenciais entre crianças, adolescentes e adultos em salas de aula. A maioria dos professores em atividade hoje não teve no seu currículo profissional capacitação para exercer esse papel de formador. Muitos estão desgastados, lutando contra muitas dificuldades. A própria forma de ser da Educação entrou em crise. Aponta-se como uma das saídas para esses problemas a implantação de programas de formação continuada de professores, sob orientação psicopedagógica, com o objetivo de criar uma cultura de formação, melhorando, assim, a qualidade no ensino.*

Palavras chaves — *Ensino superior, formação continuada, grupoterapia preventiva, professor.*

INTRODUÇÃO

A orientação educacional surgiu para atender àqueles que apresentavam problemas e dificuldades escolares, principalmente nas escolas de primeiro e segundo grau, pois, nesta faixa etária as estruturas cognitivas e a personalidade da criança ainda estão sendo formadas. Pensava-se que atuando neste nível de aprendizagem evitavam-se dificuldades futuras. Acreditava-se que alunos de cursos superiores eram adultos e responsáveis pelos seus atos e que eram capazes de conduzir sua própria formação. Porém, a realidade mostra que existem universitários e pós-graduandos que também apresentam dificuldades de aprendizagem, sejam em aspectos cognitivos, afetivos e/ou sociais.

A grupoterapia tem auxiliado na prevenção e solução de tais dificuldades, atuando junto aos alunos, professores, funcionários, dirigentes e familiares. Assim, cada escola deve ter o seu próprio serviço de orientação, viabilizando o atendimento a todos de modo efetivo e permanente.

As razões do fracasso escolar são inúmeras e estão relacionadas com todos os envolvidos com a aprendizagem. Não se deve cometer a injustiça de se culpar apenas o aluno, em quaisquer casos de insucesso escolar, deixando de analisar cada situação de maneira mais crítica e abrangente,

considerando-se a dimensão política e filosófica da educação, a situação da escola e as responsabilidades dos professores.

A intenção de um programa de formação continuada de professores, através de um processo grupal, é desencadear perturbações no professor que o levem a refletir sobre sua prática e incentivar o desenvolvimento de instrumentos didático-pedagógicos que possam restabelecer a motivação e a criatividade nas escolas. Estas reflexões devem ser proporcionadas pela escola, juntamente com um psicopedagogo, visando melhorar a qualidade no ensino.

CONTEXTUALIZAÇÃO

As dificuldades na aprendizagem surgem a partir de vários fatores: neurológicos, psicológicos, familiares, sociais, uso de drogas, relacionamento com o professor, etc. As discussões em torno das dificuldades que acometem o ensino superior nos congressos nacionais e internacionais, revelam a imensidão e a complexidade do problema. Porém, as providências tomadas pelas instituições de ensino e políticas, tais como: mudanças na grade curricular, diminuição da carga de aulas expositivas, melhoria dos laboratórios e o incentivo aos cursos de mestrado e doutorado apenas em áreas técnicas, não são suficientes para reverter o quadro. Para que haja mudança efetiva na situação em que se encontra o ensino no Brasil, é imprescindível a orientação educacional constante e periódica do corpo discente e docente.

O educador, por estar em contato direto com o educando e ser o principal responsável pela construção do conhecimento, pode tanto promover a aprendizagem como também dificultá-la. Muitas das dificuldades dos alunos estão relacionadas com a antipatia que estes nutrem pelo professor, com a relação professor-aluno, com o autoritarismo desmedido, com as metodologias inadequadas de ensino, com frustrações e fantasmas dos ensinantes e com a desmotivação. Na maioria das vezes os professores desconhecem os efeitos malignos de sua atuação ineficiente e acham que a culpa é sempre do aluno.

Existem fatores intervenientes nos resultados acadêmicos, entre os quais, a maioria nada tem a ver com o processo específico da aprendizagem. Por isso, a prevenção efetuada através da orientação de professores e de apoio continuado aos alunos, oferece a possibilidade de um desenvolvimento adequado e crescente na educação.

¹ Karina Perez Mokarzel Carneiro, Instituto Nacional de Telecomunicações (INATEL), Av João de Camargo, 510, 37.540-000, Santa Rita do Sapucaí, MG, Brazil, karina@inatel.br.

O trabalho preventivo de orientação de professores nas instituições de ensino superior é feito individualmente ou em grupos, sob a forma de grupoterapias, palestras, assessorias, treinamentos, intervenções periódicas, congressos, mini cursos, mesas redondas, etc.

A orientação individual acontece por solicitação do próprio professor que deseja melhorar a eficiência de seu trabalho ou dos alunos que se sentem prejudicados com a atuação do docente. O docente é orientado quanto às metodologias de ensino e de avaliação da(s) disciplina(s) por ele ministrada(s), quanto as bibliografias de áreas diversas que o ajude no aprimoramento de seu trabalho, quanto ao relacionamento com seus alunos, ao processo de transferência e contratransferência, ao controle de frustrações, etc.

Os trabalhos em grupo devem ser programados de maneira que não atralhe os professores, afastando-os por muito tempo de suas atividades. É essencial o caráter interdisciplinar no preparo de tais atividades, contando com a ajuda de profissionais como médicos, neurologistas, fonoaudiólogos, neurolinguistas, pedagogos e psicólogos. A participação do orientador é importante no incentivo a participação de todos nas atividades propostas.

Um dos desafios da orientação educacional é a quebra da resistência à mudanças por parte dos professores na transposição das metodologias de ensino tradicionais para metodologias mais modernas, dinâmicas e motivadoras.

O PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR

Nos cursos superiores brasileiros são considerados habilitados a seguir a carreira docente, aqueles que possuem um título superior, qualquer que seja ele. Assim, para ser professor de medicina, basta ser médico; para ser professor de história, basta ser historiador; para lecionar na área de engenharia, basta ser engenheiro. Tal procedimento deve ter origem no entendimento de que o domínio dos saberes técnicos da profissão é suficiente para transformar um indivíduo legalmente diplomado num professor.

Como resultado disso, os professores aprendem a ser docentes, quando isso acontece de fato, pela própria experiência, o que em geral se dá como um esforço solitário.

O modelo de ensino onde o professor é o detentor do saber e o elemento ativo do processo ensino-aprendizagem, e o aluno é totalmente passivo, aceita o conhecimento como uma verdade não contestável, é desmotivador. Não basta que o professor aprimore o seu conhecimento técnico, é preciso ser mestre. Ser um mestre é mais que repassar conhecimentos, é promover situações desafiadoras para o aluno, que o transporte para um nível de conhecimento superior ao já existente. Portanto, além da capacitação técnica é indispensável ao professor o conhecimento de técnicas de ensino e de relacionamento humano.

Na reflexão de Bazzo [1], “A competição da escola com os meios modernos de divulgação de informações nos coloca uma séria questão com relação à motivação dos estudantes:

as aulas tradicionais deixam definitivamente de ser atraentes, quando confrontadas com a televisão com seus múltiplos canais e seus programas cada vez mais bem produzidos, com a ‘navegação’ via Internet, com os programas multimídia, com a realidade virtual. As avaliações, nos moldes ainda atualmente empregados, tornam-se mais que ultrapassadas, são inócuas ou mesmo um obstáculo para a aprendizagem. Como resultado, colhem-se cada vez mais a desilusões, desistências e inconformismos com o sistema de ensino”.

A relação que o professor estabelece com o aluno é uma das características fundamentais para a permanência e o aproveitamento do indivíduo nas atividades propostas pelo docente. Muitas das dificuldades apresentadas pelos alunos estão relacionadas com a antipatia pelo professor.

Tanto o professor quanto os alunos trazem consigo experiências anteriores ao encontro na sala de aula. A relação professor-aluno vai depender principalmente da maturidade afetiva do professor. A orientação educacional grupal contribui para esta maturidade, porém, se o professor não conseguir lidar com seus fantasmas e frustrações, deve procurar a orientação individual do psicopedagogo.

As atividades propostas pelo grupoterapeuta devem contribuir para a diminuição, ou até eliminação, de características antipáticas dos professores como: autoritarismo, insegurança, frieza, desprezo, desinteresse, agressividade e ironia, e passem a ter atitudes que os tornem mais simpáticos. Os alunos apreciam professores calmos, pacientes, alegres, atenciosos, pontuais, que gostam do que fazem e que se preocupam com o aprendizado. A autoridade e a disciplina para o professor simpático surgem naturalmente.

As aulas puramente expositivas, onde o professor é quem estabelece o ritmo e a seqüência, não são atrativas e contribuem com a não permanência do aluno na escola. Há que se mudar a estratégia hoje utilizada para trabalhos mais dinâmicos, atrativos, que desenvolva além do conhecimento puramente intelectual, outras qualidades como liderança, trabalho em grupo, criatividade, perseverança, percepção, etc. Apesar de existirem inúmeras metodologias de ensino, será sempre necessária a criação de outras, mais atrativas e adequadas ao estágio de desenvolvimento histórico e à realidade imediata dos alunos.

Os alunos se sentem motivados pelos professores que se interessam pelo aprendizado. A utilização de estratégias de ensino criativas, dinâmicas e que incentivem a participação ativa dos alunos torna os trabalhos escolares mais atraentes e competitivos quando comparados à TV, à Internet e a outras atividades.

Devido às constantes mudanças sociais ocorridas no mundo, o ensino altamente baseado na memorização e na reprodução de tarefas repetitivas, não é mais apropriado ao perfil do atual profissional. Portanto, as avaliações individuais centradas na memorização, na repetição de métodos, na reprodução precisa e detalhada das explicações do professor e na punição do erro, se tornaram inadequadas para os dias atuais.

Um dos principais aspectos debatidos nas instituições de ensino são as formas de avaliação e as maneiras de quantificar o aproveitamento escolar. Por ser uma das maiores causas da desmotivação, da repetência e da evasão escolar, o sistema de avaliação deve ser repensado e arduamente discutido. Porém, isto não deve implicar em um relaxamento dos níveis de exigência, mas em se adotar uma forma mais eficaz de valorizar a aquisição do conhecimento, observando as capacidades adquiridas pelo indivíduo quanto a generalizações, comparações, análises, sínteses, críticas, discriminações, organizações, estruturas lógicas, etc.

Não existe uma maneira única de se avaliar um grupo de alunos, pois há diferenças entre disciplinas, escolas, número de alunos e abordagem. Cabe ao professor analisar qual o melhor sistema de avaliação a ser adotado na sua disciplina. O orientador educacional deve incentivar os docentes a experimentarem novos métodos de avaliação e aperfeiçoar os já existentes.

Toda experiência deve ser relatada aos outros docentes da instituição, colocando os pontos positivos e negativos, as dificuldades encontradas na execução de tal trabalho e os resultados obtidos. Ao expor e ouvir experiências diversas e ao debater sobre o assunto, o professor aumenta seu senso crítico podendo, assim, reavaliar sua metodologia de avaliação, identificar falhas e saná-las.

Alguns professores gostam de ser detentores do saber. Submetem seus alunos a massacres psicológicos e se vangloriam por serem os responsáveis pelos mais altos índices de reprovação da escola. Suas avaliações não valorizam a construção do conhecimento, conseguem, apenas, qualificar informações retidas naquele momento.

Outros professores, com medo de críticas e de perderem a posição que ocupam, aplicam provas fáceis para que a maioria dos alunos obtenha a aprovação, o que não avalia a construção do aprendizado.

Os professores extremistas normalmente apresentam forte resistência a mudanças. Com o trabalho do grupoterapeuta há que se instalar na instituição a cultura de que as metodologias de avaliação devem realmente quantificar e qualificar a construção do conhecimento.

Outro ponto de igual importância a ser tratado é o significado do erro nas avaliações. O grupoterapeuta deverá desenvolver nos educadores a capacidade crítica de analisar se o erro é proveniente de problemas relacionados ao aluno, ao próprio professor, à escola ou à sociedade. Os erros dos alunos devem fornecer elementos para o professor refletir sobre sua prática e modificar sua estratégia de ensino.

As escolas e seus educadores tendem a se preocupar mais com a quantificação do acerto e a punição do erro do que com o raciocínio do aluno, desconsiderando totalmente a construção do conhecimento.

CONCEITUAÇÃO DE GRUPO

Todo indivíduo deve ser estudado dentro do contexto social, pois em toda a sua existência, convive com outros

indivíduos, partilhando o mesmo espaço e os mesmos desejos, interesses e ambições.

Pichon-Rivière [2] relata que “Todo conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna (dimensão ecológica), configura uma situação grupal. Tal situação está sustentada por uma rede de motivações e nela interagem entre si, por meio de um complexo mecanismo de assunção e adjudicação de papéis. É nesse processo que deverá surgir o reconhecimento de si e do outro no diálogo e no intercâmbio permanente. Essa situação grupal constitui o instrumento mais adequado para essa aprendizagem de papéis (aprendizagem social), em que consiste a internalização operativa da realidade”.

Nas palavras de Zimerman [3], “O ser humano é gregário, e ele só existe, ou subsiste, em função de seus inter-relacionamentos grupais. Sempre, desde o nascimento, ele participa de diferentes grupos, numa constante dialética entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social”.

Segundo o Novo Dicionário Aurélio, “grupo é uma pequena associação ou reunião de pessoas ligadas para um fim comum”. Para alguns autores, o conjunto de duas pessoas (por exemplo, um casal) já configura um grupo. Pode-se conceituar também através do grupo familiar, escolar, terapêutico, profissional, esportivo, religioso, etc. Estes grupos estão constantemente sendo renovados e ampliados no decorrer da vida do indivíduo.

As pessoas levam seu universo pessoal ao grupo, composto pelas suas características de personalidade, vivências pessoais e experiência profissional. Por isso, o resultado de um grupo como um todo é diferente do somatório de suas partes.

Inseridos numa situação grupal, os indivíduos reagirão diferentemente em função destas características, focados num processo de interação, no qual as ações e reações individuais influirão e serão influenciadas pelo grupo.

Ao trabalhar com um grupo, um coordenador deve levar em consideração as características pessoais dos membros do grupo, sejam elas características de personalidade, físicas, econômico-sociais ou profissionais.

OBJETIVOS DO GRUPO

A existência de um grupo ou uma equipe deve ser fundamentada numa razão de ser que justifique sua própria existência. Esta razão de ser chama-se objetivos. A definição clara dos objetivos de um grupo por si só não garante o sucesso do mesmo. Ao se trabalhar com grupos, deve-se ter o entendimento aprofundado de como os objetivos grupais estão em interação com os objetivos individuais dos membros do grupo. Os objetivos individuais e grupais podem sofrer alterações ao longo do processo do grupo; assim, faz-se necessário a revisão constante destes objetivos.

Os objetivos do grupo especificam e definem os seus fins; identificam os alvos para os quais as atividades do

grupo estão apontadas. Quando eficazmente desenvolvidos, diminuem as angústias dos integrantes do grupo, ampliam a base dos interesses comuns, sentimentos de identificação, motivações, padrões do grupo, participações úteis e satisfação dos membros do grupo.

A maioria dos grupos tem dificuldade em fazer com que os membros participem ativa e objetivamente. Este problema está relacionado com a falta de conhecimento claro dos objetivos, com a concordância sobre os propósitos do grupo ou da impossibilidade de perceber como as atividades se congregam para a consecução dos objetivos fixados.

Vivemos numa sociedade que está rapidamente se modificando. Os interesses e necessidades dos membros do grupo mudam com rapidez, aconselhando revisões e discussões sobre seus fins e objetivos. Tais revisões podem conduzir à mudança de objetivos, à fixação de outros, à reorientação das prioridades e, mesmo, ao reconhecimento da necessidade de se dissolver o grupo.

Às vezes, a complexidade da organização, o excesso de formalidade e a execução de um só tipo de trabalho impedem que o grupo procure os objetivos realmente importantes. Isto pode acontecer com qualquer grupo. A relação entre os objetivos definidos e as atividades estabelecidas formalmente permite superar tais dificuldades.

O propósito do grupo pode ser modificar o grupo e seus membros, ou, no caso do grupo de ação, decidir e executar programas específicos. Na designação dos objetivos deve-se indicar as modificações ou o tipo de ação que se espera do grupo e de seus membros.

Ao chegarem novos membros, é importante que os objetivos lhes sejam apresentados. O grau de satisfação e de participação dos membros antigos influencia os novos a aceitarem os objetivos e trabalharem a favor do grupo.

Uma vez determinados os objetivos, as futuras experiências e atividades do grupo tendem a ser moldadas e avaliadas segundo os seus termos. O grau com que os objetivos dos membros do grupo estão incorporados aos objetivos grupais influencia diretamente a fidelidade e a participação dos membros nas atividades organizadas.

CLASSIFICAÇÃO DOS GRUPOS

A classificação aqui utilizada se baseia no critério das finalidades a que se propõe o grupo. Será dividido em dois grandes ramos genéricos: Operativos e Terapêuticos. Na prática essas ramificações se completam. Cada um destes ramos, por sua vez, se subdivide em outras ramificações, conforme o esquema abaixo.

• Grupos operativos:

- (1) Ensino-aprendizagem (através da técnica de “Grupos de Reflexão”).
- (2) Institucionais (empresas, escolas, igreja, exército, associações, etc.).
- (3) Comunitários (programas de saúde mental).

• Grupos terapêuticos:

- (1) De auto-ajuda – na área médica em geral (diabéticos, reumáticos, idosos, etc.); na área psiquiátrica (alcoolistas anônimos, pacientes, etc.).
- (2) Psicoterápicos (base psicanalítica, psicodrama, teoria sistêmica, cognitivo-comportamental, abordagem múltipla).

GRUPOS OPERATIVOS

Na ação preventiva da grupoterapia junto aos docentes, a modalidade de grupo utilizada é a de grupos operativos.

A conceituação e a aplicação dos grupos operativos, devem ao psicanalista argentino Pichon-Rivière [2]. Este autor enfoca que “A técnica de grupos por nós criada, chamada de grupos operativos, caracteriza-se por estar centrada, de forma explícita, em uma tarefa que pode ser a aprendizagem, a cura (abrange os grupos terapêuticos), o diagnóstico das dificuldades de uma organização profissional, etc. Sob esta tarefa subjaz outra, implícita, que aponta para a ruptura, através do esclarecimento das pautas estereotipadas que dificultam a aprendizagem e a comunicação, significando um obstáculo frente a toda situação de progresso ou mudança”.

Zimerman [3] observa que o termo “grupo operativo” é muito genérico, sendo que, em essência, designa mais propriamente uma ideologia do que uma técnica específica. Essa ideologia, visa sempre um aprendizado conectado com uma mudança psicológica (atitudes), especialmente a de aprender a aprender.

CONCLUSÕES

A preocupação das escolas superiores sempre foi de formar profissionais com o perfil estipulado pelo mercado de trabalho. Devido às grandes mudanças pelas quais o país vem passando, a educação brasileira precisa ser revisada e reestruturada.

O processo de reavaliação do ensino não é tarefa fácil, pois além da imensidão territorial, é totalmente dependente dos interesses político e da boa vontade das instituições. Um ensino de qualidade, motivador, criativo e dinâmico, requer dedicação de todas as partes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

O professor é a figura mais próxima do aluno, portanto pode atuar tanto como gerador de dificuldades ou como promotor da aprendizagem, dependendo do seu equilíbrio emocional e psíquico. Controlar suas frustrações ajuda a amenizar a resistência à mudanças abrindo espaço para a orientação educacional. Não basta que o docente domine o conhecimento técnico, é preciso conhecer metodologias de ensino dinâmicas, estimulantes e desafiadoras.

Neste sentido, pode-se compreender a importância da orientação educacional preventiva no âmbito escolar. Acredita-se que uma das saídas para o caos em que se encontra a educação no Brasil é a formação continuada dos

docentes, através de grupoterapias. Nas atividades em grupo, os docentes poderão discutir, analisar e refletir sobre seu trabalho e, assim, adquirir formação didática e humanística, tão necessária para a construção do conhecimento do aluno.

É fundamental que o grupoterapeuta goste e acredite na modalidade de trabalho escolhida, pois só assim, resultados realmente satisfatórios serão conseguidos.

O que se espera é uma educação tão prazerosa quanto a internet, a TV a cabo e os bailes, onde os professores possam ensinar aprendendo e, acima de tudo, despertar e exteriorizar o aprendizado do aluno.

REFERÊNCIAS

- [1] BAZZO, W. A., “Ciência, tecnologia e sociedade: e o contexto da educação tecnológica”, Florianópolis: UFSC, 1998.
- [2] PICHON-RIVIÈRE, E., “O processo grupal”. Tradução por Marco Aurélio Fernandes Velloso. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Tradução de: El proceso grupal.
- [3] ZIMERMAN, D. E., “Fundamentos básicos das grupoterapias”. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.